

A queda de última hora

O dia da eleição começa com uma informação tão surpreendente quanto explicativa das razões que mantiveram Fernando Henrique Cardoso na cautelosa posição de evitar comemorações antes do tempo. Dois institutos de pesquisa, Vox Populi e Ibope, registram uma queda considerável do favorito aos quarenta e cinco do primeiro tempo.

O Vox apurou um declínio de três pontos percentuais, situando Fernando Henrique a uma distância de cinco pontos em relação à soma dos adversários. É o suficiente para ganhar no primeiro turno, mas a conta é apertada. O Ibope aponta a mesma tendência e deixa o tucano no patamar dos sete pontos de diferença.

Na análise de Marcos Coimbra, do Vox Populi, a "balançada" é típica do momento final, onde qualquer fator — e principalmente a emoção da militância — faz marola. Mas, neste caso específico, há razões mais objetivas. A elei-

ção casada que até agora favoreceu FHC, pelo simples fato de que suas alianças estaduais redundaram em resultados eleitoralmente mais proveitosos, acabou favorecendo Luiz Inácio Lula da Silva no último instante.

O crescimento de Olívio Dutra no Rio Grande do Sul, a queda de Mário Covas em São Paulo, a subida de Cristovam Buarque em Brasília, a influência da candidata ao Senado Benedita da Silva, no Rio, terminaram por dar uma sacudidela de ânimo no eleitorado petista. Surgiram votos e, para a campanha tucana, poderão aparecer turbulências. Coimbra ainda acredita que Fernando Henrique começa o dia de hoje com ampla chance de se eleger no primeiro turno mas, do ponto de vista do senador, o quadro não é tranqüilo, acrescenta adrenalina aos fatos.

Para quem sentiu falta de emoção nesta campanha, eis que ela surge na finalíssima.

Um embate amistoso

Ao aparecer apenas agora quando o que se discute é a contagem de votos, a emoção tardia reservou uma vitória expressiva ao processo político do Brasil. Em pesquisa, o eleitor jura que detesta baixaria, rejeita fofocas pessoais, tem horror a disse-me-disse. No particular, no entanto, reclamou-se muito da falta de um embate trepidante nesta campanha. Essa dubiedade faz bem o gênero do brasileiro que gosta de posar de bem comportado, mas adora uma briga de rua.

Graças ao perfil dos dois candidatos principais, no entanto, foi possível manter fogueiras mais ardentes à distância. Foi uma campanha de gente grande. E educada. Afora uns deslizos aqui e ali — nenhum deles cometido pelos candidatos propriamente ditos —, evitou-se o que o clima de histeria acusatória, que tomou conta do país nos últimos dois anos, parecia antecipar como uma campanha sangrenta.

Aguerridos acusadores, Leonel Brizola e Orestes Quêrcia recolheram-se aos respectivos fiascos eleitorais. Não tiveram fôlego nem mesmo para criar confusão. Já Lula e Fernando Henrique disputaram um segundo turno antecipado sem perder de vista o passado nem o futuro.

Sabiam, desde o início, que em caso de vitória de um ou de outro havia o que ser preservado. No mínimo, uma identidade antiga de quem compartilhou as mesmas lutas. No limite, uma colaboração futura senão de governo pelo menos de oposição civilizada. Há que se considerar, primeiro, a questão das biografias dos dois. Sem nada de aparentemente condenável a lhes manchar a vida pública pregressa, não havia como fazer ataques recípro-

cos sem recorrer a expedientes baixos que certamente feririam de morte a ambos.

Em comparação à eleição anterior, quando o combate foi de arena romana, tivemos agora uma campanha fidalga. Marcos Coimbra, que acompanhou de perto as duas, tem uma opinião de sociólogo a respeito: "Eram dois candidatos novos, com menos de 40 anos, não identificados com os políticos tradicionais, mas absolutamente diferentes do ponto de vista ideológico."

Coimbra acha que, além do fato de o Plano Real ter mantido as discussões no campo da eficiência administrativa, agora travou-se uma luta onde a questão ideológica não estava em xeque. E isso tornou o embate menos quente. "A direita pode até votar em Fernando Henrique, mas não se pode dizer que ele é um candidato de direita", considera ele.

A amizade antiga, que vem de 1978 e que agora no final é alardeada por ambos os candidatos, certamente é um fator de inibição de ataques mais contundentes. Fernando Henrique disse desde o início que não encarnaria o anti-Lula. E o petista certamente não esqueceu quem, junto a outras lideranças do então MDB, enfrentou a polícia nas ruas contra a intervenção federal no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, que presidia.

Pode ser que essa circunstância feliz não venha a se repetir em eleições futuras. Mas pelo menos serviu para mostrar ao eleitor brasileiro que não é preciso sempre escolher o ruim entre os piores. O Brasil já tem o direito de decidir pelo melhor entre os melhores.